

FERREIRA; João Victor Mota¹, JUNIOR; Antônio José Alves², SOUZA; Elton Corrêa de³

RESUMO

Esse trabalho analisa a gestão patrimonial e o desempenho dos principais bancos brasileiros durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil, bem como o comportamento financeiro das famílias, a partir de um embasamento teórico pós keynesiano, mais especificamente, do economista Hyman Minsky. Nesse âmbito, essa pesquisa visa elucidar como os principais bancos brasileiros auferiram lucros e expandiram o crédito, justamente quando esse procedimento é contraindicado, pois o ambiente de estagnação econômica criava um cenário em que os riscos se elevavam. Os objetivos são: 1) avaliar a gestão financeira dos bancos diante da pandemia; 2) identificar as políticas públicas para a contenção da crise; 3) estimar a evolução do endividamento das famílias. O método empregado; correlaciona os dados do Banco do Central do Brasil, sob o pano de fundo da conjuntura macroeconômica e das políticas econômicas, sobre a evolução do grau de endividamento e do comprometimento da renda das famílias na pandemia com a evolução correspondente da estrutura patrimonial dos bancos, enfatizando a concessão de crédito à pessoa física. A partir dos dados disponibilizados pelo BC pode-se calcular os ganhos dos bancos comerciais com intermediação financeira da seguinte forma: *Somatório(saldo de crédito*spread do ICCi)* Onde ICC é o Índice de Custo de Crédito e *i* as modalidades de crédito. Nossos primeiros resultados indicam um comportamento bancário excepcional. A Covid-19 produziu impactos econômicos negativos, com destaque para a queda abrupta do nível de emprego e da produção. Diante desse quadro desfavorável, segundo Minsky, os bancos e demais instituições financeiras deveriam exibir maior preferência pela liquidez, manifestando-a na maior rigidez para concessão de crédito (maior seletividade); na fixação de juros mais elevados; e na elevação do montante de provisão para devedores duvidosos. Entretanto, na contramão das expectativas, os Bancos expandiram o crédito, inclusive para as famílias de baixa renda e para micro e pequenas empresas, justamente os clientes que historicamente apresentam maior propensão à inadimplência em momentos de recessão econômica. Ademais, e novamente em contraste com o esperado, a expansão do crédito bancário, ao contribuir com a sustentação do consumo e do investimento, não resultou em prejuízos para os bancos. Ao contrário, o segmento apresentou lucros historicamente elevados. Concluímos que, no curto prazo, a evolução patrimonial dos bancos, em especial, a ampliação da concessão de crédito, combinada com a política fiscal expansionista (p.ex: a concessão do auxílio emergencial, do Auxílio Brasil e as transferências de recursos para estados e municípios) ajudaram a sustentar o consumo e a recuperação do emprego. Em um prazo mais dilatado, contudo, segundo Minsky, a política dos bancos se apresentará cada vez mais arriscada, como a elevação da inadimplência das pessoas físicas, ao longo de 2022 demonstra. A pergunta com que nos deparamos é se essa estratégia bancária de apostar no aumento do crédito às pessoas físicas é sustentável na ausência de políticas econômicas que façam o país crescer e a renda do trabalho aumentar.

PALAVRAS-CHAVE: Bancos, Crédito, Famílias

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), jvjoao0112@gmail.com

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), antonioj@ufrrj.br

³ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), titocorreia21.rj@gmail.com